

Emcompanhia

INFORMATIVO DOS JESUÍTAS DO BRASIL | EDIÇÃO 60 | ANO 6 | ESPECIAL DEZ 2019



JESUÍTAS BRASIL

Foto: Walter Chavez - Unplash

NATAL, TEMPO DE ENCONTROS

Com o menino Jesus, com a família, com os amigos e a Igreja





SUMÁRIO

3

NOVOS TEMPOS SE APROXIMAM

- Pe. João Renato Eidt, SJ

4

A INQUIETAÇÃO DO ENCONTRO COM DEUS

6

"ENTÃO É NATAL..." TEMPO DE MUDAR O OLHAR... TEMPO DE ENCONTRO...

- Claudio Cassimiro

8

A CHEGADA DO SALVADOR COMO MOMENTO DE ENCONTRO

- Profa. Dra. Alzirinha Souza

10

NATAL: DA PROCURA, UM ENCONTRO!

- Vanessa Araújo Correia

12

QUE O NATAL NÃO SEJA UM DIA, E SIM TODOS OS DIAS!

- Ir. Edílberto de Castro Feitosa, SJ
- E. A. Anderson Rabêlo Costa, SJ

14

COMO A CELEBRAÇÃO DO NATAL FAVORECE ENCONTROS NAS COMUNIDADES ECLESIAIS?

- Pe. Anísio Ribeiro da Silva, SJ

EXPEDIENTE

EM COMPANHIA é uma publicação mensal dos Jesuítas do Brasil, produzida pelo Escritório de Comunicação BRA.

COMUNICAÇÃO BRA

contato@jesuitasbrasil.org.br
www.jesuitasbrasil.org.br

DIRETOR EDITORIAL

Pe. Anselmo Dias, SJ

EDITORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Silvia Lenzi (MTB: 16.021)

REDAÇÃO

Cristiane Garcia
Maria Eugênia Silva
Silvia Lenzi

DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGENS

Érica Rodrigues

ESTAGIÁRIO

Wellerson Soares

COLABORADORES DA 60ª EDIÇÃO

Ana Ziccardi (revisão), Paula Losada e Pe. Luis González-Quevedo, SJ. Um agradecimento especial a todos que colaboraram com a matéria especial desta edição.



Pe. João Renato Eidt, SJ
Provincial do Brasil

NOVOS TEMPOS SE APROXIMAM

Natal é tempo de encontro generoso, agradecido pelo dom da vida, de reconhecer as graças alcançadas durante o ano. Tempo de deixar-se envolver pelo amor de Deus, que tudo cria e recria no seu projeto de Reino.

Nesta edição de dezembro do informativo *Em Companhia*, o tema é, justamente, sobre o encontro. Oferecemos aos leitores reflexões de nossos colaboradores, jesuítas e leigos, que nos brindam com textos sobre o tema pela perspectiva do Natal.

Podemos vivenciar a experiência do Natal de diversas formas, contextos e possibilidades. Com essa proposta, queremos ajudar o leitor a perceber que Deus fala de diversos

modos. Hoje, Jesus quer nascer em nossos corações e manifestar-se em tantas realidades, para que sejamos, sempre, agraciados por sua presença.

Quero aproveitar a oportunidade para agradecer a todos e todas que, nestes cinco anos de caminhada, nos ajudaram e nos animaram na construção da nova Província do Brasil.

Muita coisa foi feita e muito ainda há de se realizar. O caminho foi aberto, alargado, cuidado e, agora, continuará sendo renovado com outros olhares, percepções e opções. A graça de Deus sempre esteve presente permitindo-nos, diante de tantos desafios, confiar, esperar e sentir a misericórdia divina, presente e atuante em tantos lugares, pessoas e ações.

Foram tempos de encontros com os outros e outras que nos revelaram o Deus Salvador, encarnado na vida e história humanas, convidando-nos à partilha de bens e de amor, compaixão e fraternidade.

Novos tempos aproximam-se. Neste Natal, somos convidados a criar encontros de gratidão, de reconciliação e de partilha. O resultado será Amor, que tudo acolhe, perdoa e produz esperança de dias melhores.

Boa Leitura! ■

Foto: Aaron Burdick - Unplash



A INQUIETAÇÃO DO ENCONTRO COM DEUS

Vivemos em um mundo hiperconectado. Redes sociais e aplicativos de mensagens, entre outros estímulos, podem nos isolar do próximo e de espaços reais. É diante desse universo que a mensagem do Papa Francisco sobre a importância dos encontros ganha ainda mais importância. Sem ignorar que essas novas redes podem potencializar a solidariedade, o Pontífice nos diz que, para cultivar uma autêntica cultura do encontro, é preciso exercitar a partilha, a capacidade de diálogo e, principalmente, a escuta aberta.

Por ocasião o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais (2014), Francisco expressou o desejo por uma Igreja que se reúna e se aproxime da criação, quando afirmou: “A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros”, pois “não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos amar e ser amados. Precisamos de ternura”.



A CULTURA DO ENCONTRO REQUER QUE ESTEJAMOS DISPOSTOS NÃO SÓ A DAR, MAS TAMBÉM A RECEBER DE OUTROS”

Papa Francisco

Esse conceito está presente nas encíclicas *Evangelii Gaudium* (2013) e *Amoris Laetitia* (2016). Nessa primeira, Francisco escreve: “A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10) e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos”. Já, na segunda, o Papa explica que, “para um verdadeiro encontro com o outro, requer-se um olhar amável pousado nele. [...] Um olhar amável faz com que nos detenhamos menos nos limites do outro, podendo assim tolerá-lo e unirmo-nos num projecto comum, apesar de sermos diferentes”.

Ainda na Encíclica *Evangelii Gaudium*, Francisco pede por uma Igreja em saída, que assuma os desafios da vida missionária para acolher o próximo. “A Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários

que primeiramente, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeiramente – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos”, escreveu o Pontífice.

Assim como Santo Inácio de Loyola, também conhecido como Peregrino de Cristo, a cultura do encontro nos convoca justamente à inquietação que nos movimenta por amor; convoca a nos dirigirmos até aqueles que necessitam sem esperar que batam à nossa porta. O fundador da Companhia de Jesus nos inspira ainda em seu pioneirismo, em suas longas jornadas empreendidas para caminhar ao encontro da vontade de Deus.

Que o Tempo do Natal, à luz do Evangelho, possa desafiar a cultura do descarte e a construção de muralhas que segregam e promovem a desunião. Que nos deixemos tocar e motivar pelo “sim” dito por Maria para o encontro com Deus. ■

“ENTÃO É NATAL...” TEMPO DE MUDAR O OLHAR... TEMPO DE ENCONTRO...

CLAUDIO CASSIMIRO

Leigo, licenciado em Filosofia pela FAJE (Faculdade Jesuíta - MG), especialista em Espiritualidade e Orientação Espiritual pela FAJE (Teologia). Assessor para o SEFE (Serviço da Fé e Espiritualidade), catequista de crisma e primeira eucaristia, orientador de Exercícios Espirituais de Santo Inácio, coordenador CVX (Comunidade de Vida Cristã) do Regional São Paulo/Sul de Minas Gerais.

Ainda bem que existe encontro... Contemplando a cena bíblica de Natal, é bonito perceber que foram vários os encontros de Deus com a humanidade. Encontros que fazem hoje memória da presença do Deus vivo em nossa humanidade.

No primeiro encontro, Maria estava em sua casa. Cuidando do dia a dia do lar. Atenta aos apelos de Deus e da vida; quando, de repente, o anjo de Deus, o mensageiro da boa notícia, vem lhe dizer que Deus tem um projeto de vida para ela. Fica assustada e, ao mesmo tempo, atenta ao que diz o anjo.

É um primeiro encontro, um diálogo de Deus com a humanidade. Maria ouve. O anjo lhe dá uma notícia: “darás à luz uma criança e lhe porás o nome de Emmanuel, Deus conosco.” Maria ouviu e perguntou: “Como isso ocorrerá?”. O anjo respondeu-lhe dizendo que tudo era um desejo de Deus e que Ele contava com sua ajuda. Maria, em um momento de silêncio nesse diálogo, responde sim. (cf. Lc. 2)

No primeiro encontro, uma relação de intimidade em que Deus revela-se e mostra-se um Deus de amor, Deus da vida.

No segundo encontro, Maria precisa contar a José sobre o projeto de Deus. Ela explica como ocorrerá todo esse acontecimento. José fica muito assustado e sem palavras. Ele duvida. Silência. Escuta.

No terceiro encontro, o anjo visita José e lhe diz para não temer, pois é

Deus quem virá. José dorme tranquilamente e, novamente, volta-se a Maria e diz a ela que pode ficar tranquila – vou com você até o fim.

No quarto encontro, Maria ficou sabendo que sua prima Isabel estava grávida. Uma alegria preencheu o ser de Maria. Ela ficou pensando no que o anjo disse: sua parenta está grávida, mesmo



com uma idade avançada poderá ser mãe. “para Deus nada é impossível.” (cf. Lc. 2)

Maria vai até Isabel. O encontro é magnífico. Quando se encontram, estremece o profundo de Isabel. A criança que estava no útero sente a presença de Jesus, que está sendo gestado no seio de Maria. Elas se falam. Contam as graças e as possibilidades de serem mães. Falam da presença de Deus. Cuidam uma da outra. Falam das coisas de Deus.

E Jesus nasce em uma manjedoura. Lugar singelo. Lugar simples. Encontro de Deus com a humanidade. Os animais e os pastores viram a graça de Deus acontecendo.

Encontro de unidade da família humana. É o quinto encontro.

Passados tantos anos, ainda celebramos esse memorial de beleza e de graça. A vinda de Jesus restaura a dignidade humana e aproxima-nos do Amor. É tempo de mudar o olhar. É tempo de encontro.

O Natal também é encontro. Encontros que nos tiram da nossa pobreza humana e nos levam a Deus. Somos chamados a ser sinal visível da alegria de Jesus, que nasce a cada ano em nossa história de seres humanos. Por isso, hoje, as famílias reúnem-se para festejar. Embora, às vezes, exageremos nas comidas e enfeites. Mas há um desejo de encontrar, de reunir a família para agradecer e celebrar a vida.

Reúnem-se, muitas vezes, em torno do símbolo do Natal, o Presépio. Montar o Presépio também é momento de encontro. Momento de fazer memória dos encontros iniciais desse mistério de amor. Lá, ao contemplarmos a cena da manjedoura, colocamo-nos e conhecemos quem somos. O Presépio nos mostra a necessidade da comunidade para crescermos como irmãos e irmãs.

Uma das formas de fazer memória desse mistério é celebrarmos juntos como comunidade de irmãos e irmãs em

Cristo. A Encarnação do Filho de Deus na humanidade resgata-nos a viver uma vida inteira de doação ao outro.

A própria celebração de Natal é um momento de encontro. As pessoas reúnem-se em torno de um Mistério, louvam, renovam-se como Filhos de Deus. Nascermos para o encontro. A partir daí, a cada ano, celebramos o encontro da vida de Deus e a nossa vida humana.

Então, como estender esses sentimentos de paz, de unidade, de humanidade, de coragem e de esperança para perdurarem ao longo do ano? Como fazer com que vivamos esse Mistério de amor na vida cotidiana?

Mudar o olhar e as atitudes. Deveríamos sempre estar alegres, pois Cristo está sempre conosco e impulsiona-nos a viver no Amor e para o Amor.

A esperança deve ser nosso olhar permanente. A alegria deve ser nosso compromisso cotidiano. Assim como diz o Papa Francisco, na sua Carta sobre o Presépio: “Cada um de nós torna-se portador da Boa-Nova para as pessoas que encontra, testemunhando a alegria de ter conhecido Jesus e o seu amor; e fá-lo com ações concretas de misericórdia.”. (cf. Francisco, 2019)

Assim, creio que nossas atitudes de cristãos, no mundo de hoje, seriam estarmos com olhar na cena bíblica da Encarnação e testemunhar com alegria o Cristo que nasceu na simplicidade. Anunciar a vida que pulsa. Denunciar tudo o que nos distancia do Amor e gera desencontro.

Não perder olhar do Mistério. “O nosso olhar se dirige a Jesus, o nosso olhar se mantém no Senhor”. Esse deve ser o mantra que não nos abandona e, assim, não nos esquecermos do Natal até o próximo encontro de Natal. ■

Referência

BÍBLIA, Tradução Ecumênica. Revisada e corrigida. São Paulo: Loyola, 1995.

Francisco, Papa. Carta Apostólica. *Admirabile signum* sobre o significado e valor do presépio.



A CHEGADA DO SALVADOR COMO MOMENTO DE ENCONTRO

PROFA. DRA. ALZIRINHA SOUZA
 Leiga, doutora em Teologia pela Université Catholique de Louvain (Bélgica). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Que Deus desejou nos encontrar não há dúvida... E poderíamos pensar a categoria do encontro de Deus em duas perspectivas. A primeira, e talvez a mais complexa, com base em toda a teologia Trinitária, desenvolvida após o evento da entrada de Deus na história. Um mistério tão profundo que, muitas vezes, nossa limitada racionalidade não alcança, levando-nos a um silêncio respeitoso e orante. Contudo, restou a certeza de que assim é Deus: um encontro misterioso de pessoas marcado por uma unidade perfeita, que não se deixa perder nas diferenças de cada uma, marcadas pelas “noções”, nem permitem que elas se anulem na igualdade marcada pelas “apropriações”. A unidade e pluralidade de Deus é, em si, um encontro eminente, respeitoso, elegante e essencial, no qual todos os nossos encontros humanos podem se espelhar.

O fato é que o nosso Deus — que é Uno e Plural — quis muito mais. Quis encontrar-se conosco de forma concreta e histórica, ensinando-nos que, para haver verdadeiros encontros, é preciso mostrar-se, dar-se a aparecer, tal como se é. E, assim, o fez em sua particularidade assustadora e inédita, na simplicidade de uma gruta, na fragilidade de um menino nascido e na normalidade da vida. Eis a segunda perspectiva.

Essa foi a pedagogia de Deus para fazer-se próximo, saiu de um mistério profundo de seu ser e revelou-se dentro do padrão mais simples possível, fazendo-se humano para que nossa razão o pudesse alcançar. De todas as

religiões do mundo, os cristãos foram os únicos que tiveram o privilégio de ver a Deus. As primeiras comunidades o viram de forma literal e nós continuamos a vê-lo pelos olhos da fé, que, longe de ser abstrata, exige a continuidade da concretude na história.

Paradoxalmente, a surpresa da simplicidade de Deus limitou a grandeza da percepção do encontro, desde sua época aos dias atuais. Para muitos, a simplicidade, feita para facilitar a compreensão dos fatos, não cabe nas categorias do Divino, por isso nem àquela época, nem na nossa, percebemos a profundidade desse encontro.

O encontro do Deus-menino com os de sua época não foi percebido plenamente porque fugia aos padrões judaicos esperados do Ser de Deus. Subvertendo a compreensão das Escrituras ao longo da história, passou-se a esperar um Deus forte, salvador, que apocalípticamente, destruiria esse mundo para o refazer em nova configuração, sem as dores do poder que geram as dores humanas. Contudo, a história nos revela que Deus desejou de outra forma...: que percebêssemos que Ele é concreto, pelo encontro de duas humanidades, a de Jesus e a de cada um de nós. Enfim, Deus se fez possibilidade para nossa humanidade.

A realidade é que, no tempo atual, a grandeza do encontro com Deus vem sendo limitada pelo processo de desumanização imposto pelos novos padrões de vida moderna, pelo individualismo e subjetivismo. A imposição exagerada de cada um, a era do

eu e a eliminação do outro estão nos tirando o que nos faz humanos: a partilha, a convivência social originária dos encontros que nos ajudam a nos constituir como seres humanos, em sentido mais estrito da palavra “ser”, pelos laços de relações que se complementam e que se fazem novos a cada dia.

Aparentemente, não assimilamos (ou assimilamos pouco) a pedagogia de Deus. Passados mais de 2000 anos do grande encontro de Deus com a humanidade, concretizado na simplicidade do menino nascido, o Papa Francisco nos exorta hoje a retomar a “cultura do encontro”, ou, em minhas palavras, a cultura da realização de nossa humanidade, que é o fato de nos colocarmos em movimento de encontro.

Francisco denuncia “uma cultura da indiferença» e pede para recuperarmos e «trabalhar e pedir a graça de fazer uma cultura do encontro, deste encontro fecundo, deste encontro que restitua a cada pessoa a sua dignidade de filho de Deus, a dignidade de um ser vivo». Por isso, não podemos nos acostumar com essa indiferença que nos desumaniza. O encontro de Deus conosco, prefigurado historicamente na gruta de Nazaré, deve gerar um encontro pessoal que nos impulsiona ao encontro perene com o outro, desde as pequenas alegrias às grandes calamidades. Tal como os magos do Oriente, encontrar-se com o Menino-Deus, é, na sequência, “voltar por outro caminho”, de construção de uma nova sociedade, de novos vínculos, nova forma de viver, enfim, de nova humanidade. ■



NATAL: DA PROCURA, UM ENCONTRO!

VANESSA ARAÚJO CORREIA

Leiga, doutoranda em Sociologia, mestre em Estudos Culturais e Especialista em Juventude. Atualmente é coordenadora do Eixo Pedagogia da Formação no Programa MAGIS Brasil e coordenadora de projetos no Centro MAGIS Anchietaum.

A juventude é um tempo da vida no qual as relações dos indivíduos, antes restritas ou mediadas pela família, alargam-se. Esse processo de mais autonomia é caracterizado, sobretudo, pela inserção em novos grupos de convivência, principalmente, os grupos dos quais participam outros jovens. É possível afirmar, então, que a juventude é uma fase da vida de maior abertura ao encontro. Os jovens vão constituindo sua identidade, seus projetos e sua autonomia, na medida em que ampliam seus horizontes de sociabilidade.

Essa fase também se constitui como uma ocasião em que se indaga sobre os próprios anseios, exigindo-se capacidade de resposta aos vários itinerários

possíveis para, assim, constituir uma vida autoral e com sentido. É, portanto, também um tempo próprio de busca.

Ora, busca e encontro são duas atitudes muito propícias para o que somos convidados a celebrar neste tempo de Natal. Na celebração do nascimento do Cristo, somos chamados a contemplar e a celebrar a relação amorosa entre Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito, que decidem “realizar a redenção do mundo” em aliança solidária com a humanidade. Celebrar a relação e encontro entre o Cristo que vem e a humanidade que o busca de tantas formas.

O que de mais bonito podemos apresentar aos jovens do que um Deus relação de amor, que, missionário,

busca-nos sempre e vem, Ele mesmo, ao nosso encontro? O que de mais consolador podem os jovens experimentar senão participar desse relacionamento cheio de amor entre Deus e a humanidade? O que de mais fecundo podem descobrir do que o fato de que, junto com o Cristo, nasce e habita entre nós a esperança de justiça, paz e alegria?

Com a celebração do Natal, temos a oportunidade de ajudar os jovens a descobrirem, contemplando o Cristo, que encontro significa decidir caminhar junto; significa comunhão de destino. É assim porque o próprio Deus decide nascer e caminhar conosco.

Pois bem, como a celebração do Natal favorece o encontro entre os jovens e como esse encontro fortalece as relações? Se e somente, não apenas os jovens, mas toda a humanidade mantiver-se aberta ao encontro. Afinal, celebrar o Natal é estreitar relações, é participar ativamente do projeto de redenção do mundo. Exige sair ao encontro, superar todo individualismo, compartilhar a vida e o destino, na livre decisão de caminhar junto.

Feliz e Santo Natal do Senhor! ■

“ *COM A CELEBRAÇÃO DO NATAL, TEMOS A OPORTUNIDADE DE AJUDAR OS JOVENS A DESCOBRIREM, CONTEMPLANDO O CRISTO, QUE ENCONTRO SIGNIFICA DECIDIR CAMINHAR JUNTO; SIGNIFICA COMUNHÃO DE DESTINO.* ”

QUE O NATAL NÃO SEJA UM DIA, E SIM TODOS OS DIAS!

IR. EDILBERTO DE CASTRO FEITOSA, SJ

Formação em Psicologia Clínica e atual coordenador do Núcleo de Fé e Alegria de Porto Alegre(RS)

E. A. ANDERSON RABÊLO COSTA, SJ

Formação em Filosofia e Teologia. Atualmente, Professor no Colégio Anchieta(Porto Alegre - RS)

Durante o mês de dezembro, as pessoas costumam ficar mais sensíveis e solidárias. Parecem estar mais atentas ao espírito das bem-aventuranças. Não cabe, aqui, julgar os motivos, e sim tomar esse fato como exemplo, pois essa sensibilidade natalina leva muitas pessoas a buscarem os mais pobres e solidarizar-se com eles, fazendo algum tipo de caridade. Sobre esse tema, queremos destacar três pontos.

Primeiro, o nascimento de Jesus pobre move-nos a buscar os pobres. Existe uma semelhança óbvia entre Cristo e os pobres porque Ele veio para revelar o Pai e nasceu pobre (EE 116). Ele declara bem-aventurados os pobres e a eles confia o Reino vindouro. Em segundo lugar, o tempo natalino leva-nos a ver os pobres, pessoas que estão ao nosso lado e que nos passam despercebidas no corre-corre da vida. A liturgia, os meios de comunicação, as pessoas de boa vontade revelam, questionam, problematizam essa verdade revelada por Jesus Cristo. Por último, da percepção do outro, do pobre, pode nascer a conversão pessoal e a felicidade, produto do encontro. O próprio Cristo ensinou-nos que somos todos irmãos, filhos de um mesmo Pai, que é Deus.

Vale dizer que algumas pessoas, talvez por uma necessidade maior, fazem desse encontro com o Cristo pobre uma realidade cotidiana, durante o ano todo. Elas dedicam suas vidas ao

trabalho com os mais pobres e muitas delas atendem pessoas em extrema vulnerabilidade, como é o caso das pessoas em situação de rua.

Dados de 2015, do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), apontam que a população em situação de rua, no Brasil, chegava a 101.854 pessoas. De acordo com o jornal gaúcho Correio do Povo, o número de pessoas em situação de rua tem crescido significativamente nos últimos cinco anos. É o que demonstra uma pesquisa realizada pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), em parceria com a Fasc (Fundação de Assistência Social e Cidadania). Os dados, publicados em 2018, indicam que, atualmente, cerca de 2.000 pessoas vivem em situação de rua na capital gaúcha, um aumento de 57% em relação aos últimos anos.

Em Porto Alegre, há um intenso trabalho promovido por vários grupos da Pastoral Social, coordenado por Dom Adilson Pedro Busin, CS, bispo auxiliar da Arquidiocese. Essas atividades, normalmente realizadas por voluntários que se dispõem a ajudar esses irmãos, constituem uma atenção às pessoas em situação de rua, principalmente, no turno da noite. Há, também, o trabalho do Ação Rua, uma iniciativa de entidades sem fins lucrativos que, em parceria com a prefeitura, promovem o cuidado dessas pessoas durante o dia. O Ação Rua tem como objetivo a erradicação da

Natal é tempo de encontro. Mais do que uma data comemorativa, na qual celebramos o nascimento de Jesus, esse é um tempo favorável para reflexão pessoal em vista de um processo contínuo de conversão. Por isso, o tempo do Natal é precedido pelo Advento. Um tempo de espera no qual sentimos, mais fortemente, o convite da liturgia para caminhar entre as coisas que passam, esperando abraçar as que não passam. É também um tempo penitencial, em que somos convidados a reler os passos de Deus em nossa vida e a nossa resposta à sua presença-ação entre nós. A cada Advento, esperamos o Senhor que virá e dedicamos tempo preparando-nos para o verdadeiro Natal. Mais do que compra e troca de presentes, ou uma bela ceia, somos chamados a encontrar a Cristo presente nos demais, especialmente, nos mais pobres.

situação de rua, assim como devolver, junto aos sujeitos, a possibilidade de sonhar e lutar por seus sonhos.

Aqui, o Fé e Alegria, além de atender crianças, adolescentes e jovens em situação de extrema vulnerabilidade social, acolhe também jovens para cumprirem medidas socioeducativas em meio aberto e adultos para cumprirem penas sociocomunitárias. O movimento também atua por meio do Ação Rua em um vasto território, na abordagem das pessoas em situação de rua e vulnerabilidade.

As atividades do Ação Rua são de média complexidade, ocupando-se da abordagem a crianças, adolescentes e famílias em situação de rua. Também no enfrentamento ao trabalho infantil, situação a que muitas crianças e adolescentes vulneráveis se veem submetidos. Esse serviço foca na criação e fortalecimento de vínculos com esse público e na articulação com a rede de serviços socioassistenciais. Faz parte de sua rotina diária a abordagem nas ruas, visitas domiciliares e institucionais, acompanhamento de demandas junto à rede de serviços e às famílias, com uma especial atenção à promoção dos direitos. Tal atitude possibilita o fortalecimento de vínculos, o reforço da dignidade das famílias e a possibilidade de um desenvolvimento saudável e seguro.

Diariamente, articuladores, técnicos e educadores sociais percorrem a cidade abordando pessoas em situação de rua, escutando suas dificuldades, suas necessidades, seus apelos, que são incontáveis. Esses são encaminhados para a rede de serviços socioassistenciais. Aos educadores sociais e equipes especializadas, corresponde um acompanhamento dos processos junto à rede de serviços e às famílias. Impressiona a alegria de viver dessas pessoas. O contato com a realidade dolorosa e com a pobreza humaniza essas pessoas e percebe-se, em seu olhar, o brilho da alegria de recomeçar a mesma luta a cada

dia. São pessoas resilientes, construtivas, conscientes do seu dever social. Elas solidarizam-se com a condição de abandono em que se encontram tantas pessoas. Parece que tal experiência os faz encontrar a Cristo nascendo todos os dias durante o ano inteiro.

QUE O SENTIMENTO TÃO PRESENTE DURANTE O NATAL PERDURE AO LONGO DO ANO!

O espírito das festas de fim de ano volta a instalar em nós a necessidade de uma revisão de vida. A espiritualidade inaciana muito pode ajudar-nos nesse sentido, já que propõe o exame como uma prática regular. Essa pausa inaciana possibilita-nos um olhar sincero sobre nós mesmos e sobre os demais. Convida-nos a ver o mundo e as pessoas a nossa volta com os olhos da fé, iluminados por Deus. Esse exame dinamiza o interior da pessoa e busca provocar uma conversão, uma mudança. Como dizia Saint-Exupéry, só vemos bem com os olhos do coração. Daí a importância de um olhar para nossa interioridade, para dentro de nós. É a partir desse olhar que o outro deixa de ser invisível e, assim, a experiência espiritual vai criando raízes. A experiência espiritual inaciana sugere à pessoa um mergulho em si mesma para encontrar a Deus em todas as coisas e todas as coisas nele. É nesse processo que a pessoa tende a voltar-se para os demais. É no encontro com o outro, fruto de uma espiritualidade encarnada, que se assume um compromisso com a transformação da realidade.

Ver nas pessoas mais socialmente vulneráveis o rosto de Jesus é, certamente, um instigante e interpelador chamado a cada um de nós. Com certeza, estar junto aos menos favorecidos é uma vocação, um serviço somente possível quando a pessoa sente um chamado interior para estar com esse público. Há circunstâncias nas quais nos deparamos com pessoas muito beneméritas e com muita boa vontade que têm o prazer em contribuir com

iniciativas de cunho social. Mas que não se sentem interpeladas a interagir diretamente com os beneficiários de sua caridade. Isso é uma realidade humana que precisa ser compreendida. Nem todas as pessoas sentem-se chamadas ao contato direto com os empobrecidos e, principalmente, com pessoas em situação de rua. Mas todas as pessoas com noção de cidadania e/ou fé em Jesus Cristo devem comprometer-se, de alguma forma, com a justiça social, no combate à violência e à negação de direitos dos demais. Essa é a grande experiência cristã. Essa é a vocação mundana da Igreja: transformar as realidades temporais à luz do Reino.

É uma responsabilidade comum que promovamos o controle social da administração pública e garantamos a diminuição de danos, principalmente, às pessoas menos assistidas, que, muitas vezes, têm seus direitos negados. As pessoas em situação de rua precisam de apoio e intervenções sempre, não apenas nesta época do ano. Ressoa em nossos ouvidos e corações essa grande verdade bíblica que diz que há mais alegria em dar do que em receber (cf. At 20,35). Muitas pessoas não sabem ou não pensam sobre isso, ou não estão habituadas a refletir sobre os sentimentos experimentados quando fazem o bem, quando dão algo de si gratuitamente. É comum escutarmos o relato de pessoas que se orgulham de sua caridade natalina. Mas muitos não percebem que poderiam ser muito mais felizes se fizessem isso sempre. Essa atitude permanente pode ser um bom termômetro de uma vida espiritual saudável, pois expressa uma experiência que não se fixa apenas na emoção ou na superficialidade do momento presente. E tampouco detém-se em atos para expiar a própria culpa ou aliviar a consciência. Que o sentimento de solidariedade tão presente nesta época do ano acompanhe-nos durante todo o ano. E que o Natal de Jesus não seja somente mais uma data, mas uma celebração diária. ■



COMO A CELEBRAÇÃO DO NATAL FAVORECE ENCONTROS NAS COMUNIDADES ECLESIAIS?

PE. ANÍSIO RIBEIRO DA SILVA, SJ
 Superior do Núcleo Apostólico Montes Claros e Pároco da Paróquia Nossa
 Senhora de Montes Claros e São José de Anchieta (MG).

As festas natalinas são ocasiões em que a beleza e a necessidade do encontro manifestam-se de modo mais visível e contagiante. Daí que, quando celebradas com aquele acatamento reverencial e de comunhão fraterna, somos postos frente ao Mistério que nos inspira.

Essa celebração foi e será sempre uma ocasião de fortalecimento dos laços entre os membros familiares e também das Comunidades Eclesiais. Trata-se, aqui, de fazer memória daquele ato amoroso de Deus de se encontrar com nossa humanidade decaída e fragilizada. Para tanto, designa seu Filho, que assumindo nossa condição humana, sujeita-se à vontade do Pai para tornar-se um de nós, vivendo em tudo nossa humanidade.

Tal foi sua humildade que, em tudo, necessitou do amparo de uma família, amigos, ainda que enfrentasse, já no seu nascimento, o indiferentismo. Contudo, pobreza, humildade, simplicidade de vida, serão elementos fundantes de seu modo de proceder. Por isso o Apóstolo Paulo dirá, mais tarde, aos membros da comunidade de Filipense, *“embora sendo de condição divina não se apegou à sua condição e se fez um de nós. (Fl2,6). ..”* Isso significa que não teve, nem viveria de privilégios, esquecendo de sua condição exaltou a condição humana, vivendo-a plenamente. Essa foi a opção de um Deus que é amor. Por isso toda sua vida não será outra coisa que não a manifestação do amor de Deus.

Hoje, ao celebrar o Natal, nossas comunidades eclesiais voltam-se

para o seu centro, fazendo memória desse acontecimento, o evento Jesus Cristo. Nele, ela encontra sua origem. A comunidade cristã nasce do encontro de pessoas que, fascinadas por Jesus Cristo e sua causa, vivida e defendida pelos seus discípulos, foi passo a passo atraindo, junto à comunidade, outras pessoas que desejavam assumir para si esse estilo de vida. E hoje, ao recordar o mistério celebrado, ela reaviva sua fé buscando fortalecer os laços entre seus membros com aquele mesmo encantamento de quando a começou. Essa dinâmica se mostra quando, nas comunidades, seus membros reúnem-se em pequenos grupos em torno da proposta da novena de Natal. São encontros de oração profunda alegria, movidas pela fé no mistério celebrado.

COMO ESSES ENCONTROS FAVORECEM A PARTICIPAÇÃO, A FRATERNIDADE, E COMPROMISSO?

Esses encontros, realizados no coração de nossas comunidades, não têm sua razão de ser em si mesmos, são celebrados movido pela fé. Sendo assim, o mistério celebrado e memorizado traz consigo o compromisso de transformação. Tal como nas primeiras comunidades cristãs, Jesus continua a provocar nos homens e mulheres de hoje aquele mesmo encantamento de outrora. E o que atrai uma pessoa à comunidade é, primeiramente, o estilo de vida da própria comunidade, que vive como mensageira de Jesus Cristo e de sua proposta. Essa mensagem, por meio do testemunho chegando

ao coração das pessoas, motiva-as a fazer parte, o que provoca o desejo de permanecer e viver aquela mesma proposta evangélica que, desde o início, surpreendia tantas pessoas. Pessoas, famílias, grupos iam percebendo, aos poucos, que, naquele modo de viver em comunidade, estava o sentido pleno de vida. E quem não gosta de viver?

Viver é bom! É uma virtude saber viver bem, movidos pela palavra de Jesus, *“Eu sou o caminho a verdade e a vida, Jo 14,6)”* e *“Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância, Jo 10,10)”*. Ele continua a ser o centro! E os que formam a comunidade eclesial têm essa consciência. Daí que buscam cotidianamente, à luz do Evangelho, trazer para a vida prática os ensinamentos e gestos de Jesus, o que mostra seu verdadeiro comprometimento com aqueles para os quais despertava mais atenção do Senhor, os pequeninos, marginalizados, desprovidos de cuidados. Desse modo, a comunidade alicerçada no exemplo de Jesus torna-se lugar seguro e de amparo para tantos que se encontram na situação de indignidade. Uma vez sendo esse ambiente de acolhimento, como nas primeiras comunidades cristãs, a riqueza dessa experiência consiste em aumentar o número daqueles que aderem à fé e sentem que esse é o seu lugar, pois ali reside o espírito fraterno, que faz brotar o compromisso com a vida onde quer que ela esteja ameaçada.

Finalmente, sendo o Natal uma ocasião de encontro, deixemo-nos contagiar pelo que há de mais belo, aquele amor originário das comunidades eclesiais, nascentes: *“vede como eles se amam!”* ■



JESUITAS BRASIL



“Cristo bate à porta dos nossos corações
para nos conceder a paz, a paz da alma.
Abramos as portas a Cristo.”

Papa Francisco